REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

25.º Anno — XXV Volume — N.os 829 e 830

10 E 20 DE JANEIRO DE 1902

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

Commemoração do XXV anno do OCCIDENTE

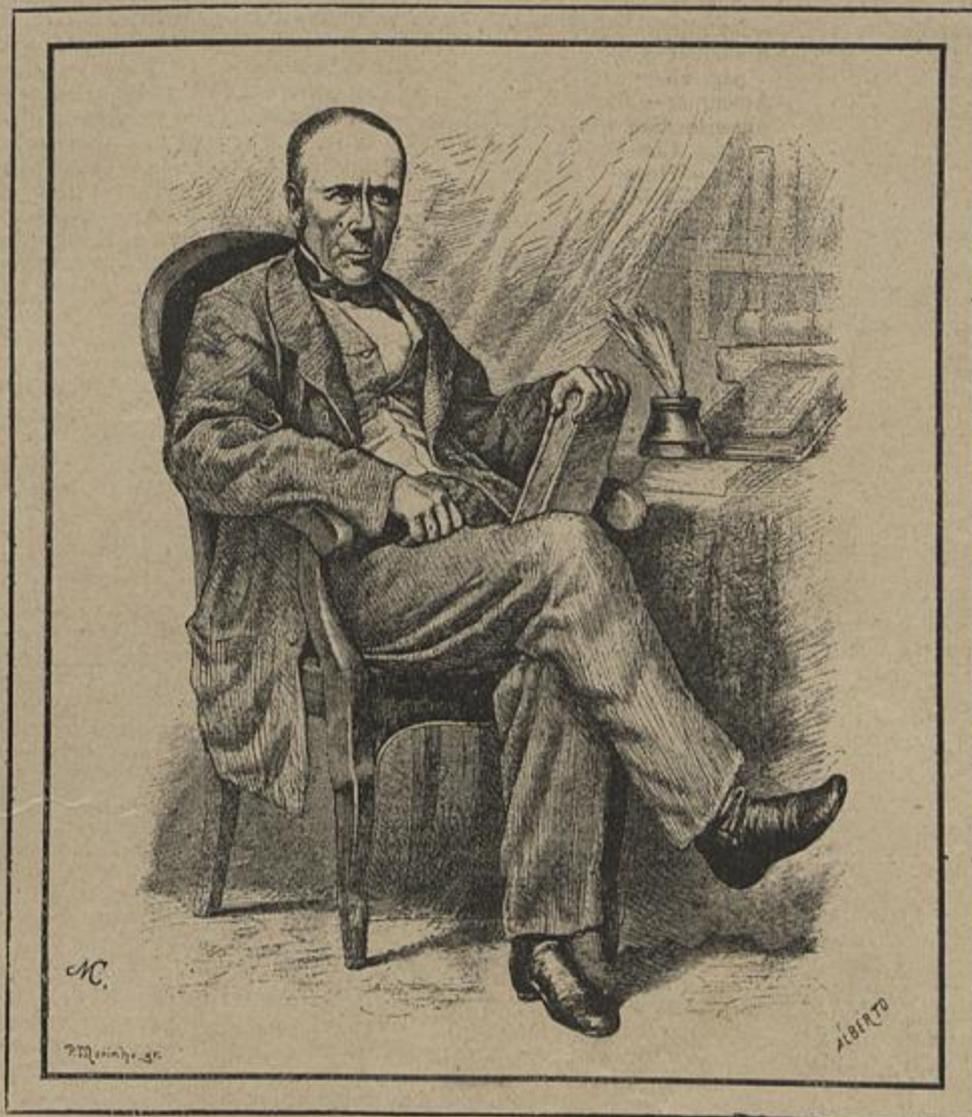
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA — PORTUGAL E COLONIAS — ESTRANGEIRO UNIÃO GERAL DOS CORREIOS

1.º ANNO — VOLUME I — N.º 1

1 DE JANEIRO 1878

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

A. Herculano

A PRIMEIRA PAGINA DO N.º 1 DO «OCCIDENTE»

Reducção a 2/3

CHRONICA OCCIDENTAL

«*Dignos Pares do Reino e Senhores Deputados da Nação Portugueza!*»

Realmente deu-nos agora vontade de para aqui transcrever todo o discurso da corôa, no dia 2 d'este mez pronunciado por S. M. El-rei D. Carlos I, com sua voz vibrante, na sala das sessões em S. Bento.

Que são os discursos de todos os annos senão uma chronica politica, mais ou menos pacientemente ordenada, mais ou menos artisticamente burilada, enfeitada com seus tropos e figuras, aqui sobre o caso mais grave deslisando brandamente, ali risonha, acolá carregando ligeiramente o sobr'olho, falando de nuvens só para nos dizer que a primavera não tarda?

Copial-a seria, sem maior trabalho, revermos tudo o que durante quasi um anno passou nas altas regiões, tudo o que nos promettem, aguçando já curiosidades de politiqueiros, de jornalistas, de deputados novos com o sangue na guelra.

Facil nos é fazermos um pequenino resumo do discurso e não nos deixa de ser honra termos n'estas columnas tão alto collaborador.

Com as demais potencias mantem Portugal, felizmente, relações de amizade. E uma boa noticia.

No porto da Horta encontrou El rei os navios de guerra que ali enviaram o Rei de Inglaterra, Imperador da India, e a Rainha regente de Hespanha. O Presidente da Republica dos Estados-Unidos do Brazil mandou a Portugal um navio da sua esquadra em testemunho de fraternal estima. Aqui o haviamos archivado.

Refere-se depois á forma por que os povos da Madeira e Açores acolheram a familia real e tambem ás manifestações que lhe fizeram os povos do districto de Leiria quando da trasladação dos illustres extinctos da familia real portugueza no Convento da Batalha. De tudo falámos largamente.

Muda logo de assumpto e fala da guerra travada na Africa do Sul, da inviolabilidade do nosso territorio e do *modus vivendi* celebrado entre o alto commissario inglez e o governador geral da Provincia de Moçambique. Quanta vez em nossas chronicas falámos da guerra do Transvaal e do nosso Lourenço Marques!

As eleições fizeram-se tranquillamente. Foi nossa opinião, se bem se lembram.

Chegamos á situação da fazenda e declara-nos o discurso da corôa que importa attentar na sua situação como ella realmente se apresenta. Regista factos com satisfação. Mas logo o periodo seguinte começa por aquelle *mas*, a que muito andamos costumados. Chama-se em grammatica uma adversativa.

Fala-nos depois dos credores extrangeiros, da autonomia financeira da nação, d'uma conversão dos titulos de divida externa que melhore e affirme o nosso credito.

Depois vem uma sombrasinha de mais productiva cobrança de impostos, fala-se em varias propostas de lei e no auxilio da Divina Providencia e remata-se o discurso com o classico: — «Está aberta a sessão.»

Uma chronica perfeita dos mais importantes factos que se deram nas regiões politicas, que mais falados foram, que mais discutidos hão de ser.

Entretanto os animos já se vão exaltando.

Dão maior motivo ás discussões as reformas decretadas e sobretudo os negocios de dinheiro, os credores extrangeiros a que se refere o discurso da corôa, as questões do Banco de Portugal e do empreiteiro Hersent.

Assim devia de ser. Ao dinheiro já anteriormente a Salomão se chamava a mola real.

Das reformas as mais faladas foram as da instrucção. Reformou-se a instrucção primaria, reformou-se a Universidade de Coimbra. A opposição que se levantara breve serenou. Algumas disposições deixaram de ser discutidas tão evidentes eram suas vantagens. Com os artigos transitorios serenaram os animos em Coimbra. As penalidades estabelecidas para os que transgridam o disposto na nova lei que estabelece o ensino obrigatorio da instrucção primaria, merece o applauso de todos os que vêem o maior bem no derramamento da instrucção.

As ultimas reformas dictatoriaes foram decretadas nas vesperas da abertura das côrtes e referem-se ao serviço da fazenda e agricola e á organisação do exercito e da guarda fiscal. Como as outras, vão sendo muito commentadas.

Mas o caso dos credores externos chama a attenção maior e é elle sempre quem dá motivo a boatos de maior tempestade: crises ministeriaes, addiamento das camaras, etc. Chegou a dizer-se que o convenio estava por um triz a ultimar-se, mas as palavras por El-rei pronunciadas no discurso da corôa não nos falam senão de boas esperanças. O sr. Carrilho continua viajando, peregrinando de praça em praça, animado talvez com a mais alta cotação dos fundos portuguezes no estrangeiro.

Com respeito ao banco de Portugal, a montanha pariu um ratinho d'uma commissão composta de desanove membros, a qual dará parecer sobre o projecto de contracto com o governo bem como sobre o projecto de reforma dos estatutos proposto pela direcção. Assim foi decidido em assembléa geral realisada no dia 3 do corrente.

Outra questão grave, a do empreiteiro Hersent. No ultimo dia do anno reuniu o tribunal arbitral, mas os arbitros do sr. Hersent não se deram por habilitados para decidir e declararam precisar de maior numero de documentos e esclarecimentos.

Nada decidido, nem com os credores nem com o Banco de Portugal, nem com o empreiteiro das obras do Tejo. E entretanto são estas questões magnas, d'aquellas que a todos interessam.

Os politicos da opposição estão, parece, decididos a uma lucta renhida e já deram signal na primeira sessão da camara dos Pares, onde com energia atacaram o governo os srs. Conde de Bertiandos, Costa Lobo e general Dantas Baracho, novo dissidente do partido regenerador.

Nem se lembrando do tempo que vamos atravessando, do arreigado costume das boas festas, não lhes importando tradições, saltando por cima das velhas praxes, apresentaram-se terriveis como o som da trombeta castelhana na batalha de Aljubarrota.

E' que os negocios são muito graves, dirão.

Graves, gravissimos, na politica e fóra d'ella.

Quantas vezes aqui temos falado d'essa questão importantissima e d'algum bem que ella faz e do muito mal de que é origem.

Se o dinheiro e quanto a elle se refere é a causa de todas as luctas na humanidade e de suas maiores desgraças!

Um novo crime acaba de ser descoberto em Lisboa, um roubo importante por muito tempo ignorado, a falsificação d'uns papeis, a lucta d'um homem querendo á doida conseguir a riqueza para dar cabo de todos os vestigios do seu crime! Metteu-se na agiotagem, em emprezas theatraes e, tão infeliz sempre, que nem conseguiu á ultima hora, quando foi apanhado pela policia, metter no ouvido a bala do revolver sempre prompto.

Mas vá uma boa noticia para alegrar esta chronica de principio d'anno. No conselho superior de agricultura reunido no dia 30 sob a presidencia do sr. Jorge de Mello, foi calculada a producção do nosso trigo em 251 milhões de kilogrammas, entendendo o conselho que não havia razão para propôr por emquanto a admissão de trigo estrangeiro, visto que o deficit apparente será talvez preenchido pela quantidade ainda desconhecida da producção nacional.

Valha-nos isso, que nos fala de riqueza e de trabalho.

E, já que falámos de dinheiro até agora e de tão rico asssumpto não sahiremos, mencionaremos aqui o emprestimo contrahido pela commissão municipal áfim de dar andamento ás obras complementares da Avenida da Liberdade, essenciaes para a vida da capital. O caso tambem levantou, como era de ver, opposição e deu motivo a variados artigos de fundo.

Lembram-se d'aquelles eternos folhetins do *Diario de Noticias: O local para o edificio do correio?* E' a alma do Miguel Paes que deve agora estremecer de contentamento.

O local para o edificio do correio foi um pretexto. Discutiu-o o distincto engenheiro com toda a sua sciencia, depois começou divagando, architectando uma cidade fantastica, derruindo as casas, cortando a cidade por avenidas, os ares por pontes que se cruzavam em todas as direcções. Duraram não sei quantos mezes os folhetins; mas algumas d'essas fantasias se foram depois pouco a pouco realisando.

Gaste-se o dinheiro e gaste-se bem. A abertura da nova avenida Ressano Garcia, e construcção do bairro de que ella ha de ser principal arteria, serão dos mais notaveis melhoramentos da cidade.

Assim se vae modificando o mau gosto dos proprietarios e constructores.

Dinheiro! Dinheiro!

E' a exclamação triste de muitos; deve ter sido a alegre exclamação do sr. Joaquim d'Andrade ao chegar a Lisboa com os quinhentos e quarenta contos que lhe sahiram na loteria de Hespanha.

Nem tudo são tristezas n'esta vida, não é assim sr. Andrade?

Nem tudo são tristezas...!

Alguem haverá que a esta hora nada verá no mundo mais do que sombras negras, muito negras.

Estava esta chronica escripta e já meio impressa, quando a noticia correu impressionando, commovendo a cidade inteira.

Não podemos deixar de em poucas palavras a elle nos referirmos, nós que tanto aqui, e com tamanha alegria e enthusiasmo exaltámos os feitos de Mousinho de Albuquerque. Quem nos diria então que tão cedo haviamos de escrever estas linhas luctuosas!

Mais de espaço havemos de falar d'essa negra tragedia. Cuidavamos só escrever de alegrias, quando muito de coisas indefferentes, n'este numero do Occidente, primeiro do seu 25.º anno. O mundo é valle de lagrimas, de lagrimas havemos sempre de falar.

Vinham-nos, até n'esse dia de festa, recordações tristes. Haviamos de falar de Guilherme de Azevedo tão cheio de talento, primeiro chronista d'este jornal, de Gervasio Lobato que lhe succedeu e que tão cedo me havia de abandonar seu logar, tão distinctamente occupado com tanta graça e bom humor, ate que a morte o impediu de trabalhar.

Foram bons amigos o Guilherme e o Gervasio. A pedido do primeiro, foi no OCCIDENTE que publiquei algumas das minhas primeiras linhas; do segundo fui collaborador durante muitos annos.

Devia-lhes a expressão d'uma saudade n'este dia, em que o OCCIDENTE rememora parte tão notavel do trabalho d'ambos elles.

João da Camara

O OCCIDENTE

COMMEMORAÇÃO DO XXV ANNO

No dia 1 de janeiro de 1878 sahiu a publico o primeiro numero do OCCIDENTE.

Hoje, decorridos vinte e quatro annos, inaugura o seu vigesimo quinto anno de existencia com o n.º 829.

Este numero devia ser commemorativo, porque vinte e cinco annos de uma existencia é como que as bodas de prata, e em Portugal tanto mais para notar n'uma publicação d'esta natureza, em que tão grande numero d'ellas tem morrido quasi á nascença e poucas tem logrado vida de alguns annos.

A longa existencia do OCCIDENTE, caso deveras extraordinario no nosso paiz, é que levou, principalmente, a empresa a fazer esta commemoração, que não é mais do que uma resumida historia que poderá interessar a alguns e que não deixará de ser curiosa para muitos.

Se é certo que o OCCIDENTE tem merecido o favor publico, outras publicações do genero o terão merecido tambem, e comtudo nenhuma attingiu um quarto de seculo.

Razões deve ter havido para a estabilidade d'esta revista, que convem ponderar.

*
* *

Vem de 1837 as tentativas de publicações periodicas illustradas, pelo *Ramalhete*, primeira de que temos conhecimento. Depois veio o *Panorama*, de boa memoria, o qual teve tres editores em épocas differentes sendo a ultima por 1866 a 1868, chegando a sua collecção a 18 vol. *A Revista Popular*, de Fradesso da Silveira, não teve longa vida. Comtudo o publico recebeu bem essas publicações e muito especialmente o *Panorama* que ainda hoje é, com justiça, citado, principalmente por seus bellos artigos, dos patriarchas das letras, como Alexandre Herculano, Rebello da Silva, etc.

Citaremos ainda: *Jornal de Bellas-Artes, 1848, 1857; Illustração, 1845, 1852; Illustração Luso-Brazileira, 1856; Archivo Familiar, 1857.*

Mas se estas publicações primavam por seus escriptos, deixavam muito a desejar por suas estampas, a maioria d'ellas *clichés* estrangeiros ou gravuras rudimentares e peior impressas.

Por 1856 appareceu o *Archivo Pittoresco*, editado por Castro, Irmão & C.ª, benemerita empresa que se esforçou para levantar a arte de gravura em madeira e que conseguiu, atravez de mil difficuldades, publicar onze volumes d'aquelle semanario que terminou em 1868.

Em 1871 apparece no Porto o *Archivo Popular* que não adeanta nada em suas illustrações. Em 1872,

publica se em Lisboa *Artes e Lettras* e ahi vêem-se algumas gravuras originaes, e *clich s* estrangeiros.

O *Universo Illustrado*, publicado em 1877, tambem estampa algumas gravuras portuguezas, mas em diminuto numero que não chama a attenção publica. É n'este anno que apparece os *Dois Mundos*, illustração publicada em Paris, em lingua portugueza com gravuras estrangeiras. Esta publicação seria uma gloria para Portugal se fosse producto da arte portugueza, mas feita em Paris, não tinha a mesma significação nem interesse para o paiz a que se destinava.

Quando isto acontecia já em Portugal havia elementos para se produzir uma revista illustrada que affirmasse os progressos da arte portugueza e por isso tivesse expressão nacional.

Para a impressão, parte importante de uma folha illustrada, havia Adolpho Lallemant, que tinha a grande escola da typographia franceza.

A maior difficuldade para fazer uma revista illustrada com sufficientes gravuras que correspondesse aos acontecimentos e á reproducção de obras d'arte, era a quantidade de gravadores aptos para produzir essas gravuras. Não o[illegible]havendo no paiz seria mister contratal-os fóra, ma[illegible]e caso importava tanto como mandar vir as gr[illegible]ras do estrangeiro, e a revista assim feita conti[illegible]ava a ser as pennas de pavão a enfeitar a illustração portugueza.

Era preciso crear artistas gravadores, pois desenhadores não faltavam.

Foi o que fizeram Caetano Alberto e Manuel de Macedo; o primeiro como gravador e o segundo como desenhador illustrativo.

A publicação dos *Dois Mundos* determinou o momento para se pôr em pratica o que já vinha de algum tempo planeado e no dia 1.º de janeiro de 1878 apparece o Occidente, *Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro*, tendo por fundadores Guilherme d'Azevedo, Manuel de Macedo, Brito Rebello e Caetano Alberto, que fornece tambem o capital.

A administração foi confiada a Francisco Antonio das Mercês, pessoa da inteira confiança de Caetano Alberto, e que honradamente se desempenhou d'esse cargo por mais de doze annos, e que só o deixou por impossibilidade de o accumular com as suas funcções officiaes.

Os artistas gravadores fundadores que faziam parte do *atelier* de gravura, ensinados e dirigidos por Caetano Alberto, eram Rosalino Candido Feijó, Manuel Diogo Netto, Domingos Casellas Branco, Jorge dos Reis, JoséAugusto d'Oliveira, José Antonio Kjolner e A. Francisco Villaça, estes ultimos tres hoje fallecidos.

Poucas publicações terão sido acolhidas pelo publico com o enthusiasmo e interesse que o Occidente despertou. Para o *bureau de la presse* da Exposição Universal de Paris de 1878, foi enviado o Occidente e n'aquelle certamen lhe foi conferida uma menção honrosa.

Não faltaram, porém, vozes a propalar que o programma d'esta revista era tão de molde a satisfazer o sentir da maioria e tão difficil de cumprir, que o Occidente teria a vida das rozas e poucos numeros sahiriam. Houve quem não assignasse logo por esse motivo, e talvez ainda hoje esteja á espera que as coisas se consolidem, para o fazer. Entretanto já houve um assignante que perguntou se o Occidente *nunca acabava!*

— Para V. Ex.ª acaba quando quizer, respondeu-lhe o distribuidor.

Grande numero de publicações illustradas periodicas appareceram n'estes ultimos vinte annos, feitas no paiz e no estrangeiro em lingua portugueza, sem comtudo lograrem existencia duradoura. Citaremos as que nos occorrem no momento: *Museu Illustrado*, *Semana Illustrada*, *Atheneu Artistico Litterario*, *Chronica Illustrada*, *Portugal Pittoresco*, *Renascença*, *Jornal do Domingo*, *A Arte*, *A Arte Portugueza*, *Illustração Universal*, *Illustração Portugueza*, *A Illustração*, feita em Paris, *Illustração de Portugal e Brazil*, feita em Barcelona, *Revista Illustrada*, *Revista Moderna*, *Correio da Europa*, *Brazil-Portugal* e *Mala da Europa*, ainda em publicação as duas ultimas; mas quantas mais que seria fastidioso enumerar e que todas passaram á historia.

De entre tantas, poucas aspiravam a um fim que não fosse mais mercantil do que artistico, o que não é para censurar, mas que nem sempre é o caminho mais viavel em negocios d'esta natureza.

Nem só de pão vive o homem!

E assim é.

Não teem sido os demasiados lucros materiaes que nos tem levado tão longe, porque um paiz de cinco milhões de habitantes em que tres partes são de analphabetos, e a parte restante pouco inclinada a leituras, que não sejam as dos romances para costureiras, nunca poderá dar grande numero de leitores para publicações d'este genero; mas como sempre nos animou a ideia de fazer vingar em nossa terra uma illustração portugueza, como tantas que illustram os paizes mais adeantados onde se lê e onde teem vida prospera, isso nos tem feito persistir em nosso intento.

Recordar as difficuldades que foi mister vencer para levar por deante esta empresa será penoso. Quanta vida se gastou em trabalho, talvez superior a forças humanas!

Caetano Alberto, sobre quem pesava a responsabilidade do commettimento, tinha que trabalhar por si e dirigir o trabalho de seus discipulos, emendando, retocando e acabando a maior parte das gravuras. O capital estava mais nos braços do que na carteira, e comtudo era preciso satisfazer pontualmente todos os compromissos.

O Occidente viviria, mas o seu proprietario trabalhava dezoito e mais horas por dia, durante bastantes annos.

Era o grande capital do trabalho.

O resultado d'este esforço foi uma grave doença, que, em 1884, accommetteu Caetano Alberto e o prostrou por mais de dois annos.

Manuel de Macedo tambem soffreu as consequencias de um trabalho aturado, pois era elle quem mais desenhava e em todos os generos para o Occidente. Ao fim de cinco annos sobreveiu-lhe uma doença d'olhos que o ia deixando cego.

Mas, *Ars longa et vita brevis.*

Toda a persistencia e boa vontade porém seria inutil se a ideia não fosse bem acceita e melhor comprehendida pelos homens de letras e pelos artistas que deviam illustrar com suas obras as paginas do Occidente. Desde o primeiro numero que estas teem sido honradas com a collaboração dos primeiros escriptores e artistas portuguezes. Quantos aqui teem ensaiado os seus primeiros vôos; quantos tem cobrado animo para proseguirem.

A todos o Occidente tem franqueado as suas paginas, para que o sabio, o poeta, o artista revele á luz da publicidade as obras do seu pensamento. Os volumes que ahi ficam são repositorio precioso da historia portugueza e da historia universal.

Para isto todos os que pensam e produzem no campo da arte portugueza teem concorrido com seus valiosos subsidios. Todos devem ser lembrados n'esta commemoração.

Muitos, porém, a morte arrebatou, n'estes vinte e quatro annos decorridos, apagando lhe a luz da vida para só viverem na memoria dos que ficaram.

São elles os escriptores:

Guilherme d'Azevedo, o chronista inimitavel e Gervasio Lobato o que lhe succedeu; Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, Antonio Ennes, Gonçalves Crespo, Thomaz Ribeiro, José Julio Rodrigues, Eduardo Coelho, Alexandre da Conceição, Latino Coelho, Julio Cesar Machado, Anthero do Quental, Ferreira Lapa, Lopes Mendes, Luciano Cordeiro, Luiz Augusto Palmeirim, Victorino d'Almada, Fernando Caldeira, Leite Bastos, Eça de Queiroz, Francisco Palha, Dr. Santos Valente, Paulo Midosi, Luiz Guimarães, Dr. Meyrelles de Tavora, Delphim d'Almeida, Graça Barreto, Pereira e Sousa, Libanio Baptista Ferreira, Visconde de Benalcanfôr, Manuel Maria Rodrigues, Vilhena Barbosa, Dr. Augusto Filippe Simões, Manuel Barradas, João de Mendonça, Bernardino Pinheiro, João de Deus, Camillo Castello Branco, D. Antonio da Costa, Rodrigo Vicente d'Almeida, e os collaboradores artisticos El-rei D. Fernando, Manuel Maria Bordallo Pinheiro, Gonçalves Pereira, Soares dos Reis, Silva Porto, Pousão, João Pedroso, José Baptista Coelho, José Pardal.

De todos conservamos saudosa memoria.

Congratulemo-nos n'esta commemoração com os vivos que ainda abrilhantam as paginas do Occidente com sua valiosa collaboração. De todos desejavamos publicar seus retratos n'esta galeria de homens illustres pelo trabalho e pelo talento, mas não foi possivel porém obter os de alguns, ainda que poucos.

É pois com a maior satisfação que estampamos nas paginas d'este numero commemorativo os retratos dos collaboradores litterarios e artisticos que gostosamente nos enviaram suas photographias com palavras que muito nos penhoram.

São tudo documentos preciosos que consoladoramente guardamos como lenitivo de tantas horas amargas e difficeis, passadas em vinte e quatro annos.

Não menos penhorante para esta empresa tem sido as referencias da imprensa ao Occidente.

Se fôramos a reproduzir todas essas referencias, teriamos para encher muitas paginas. Bastará porém, archivar algumas que adeante se podem lêr.

Como premio de tanto trabalho, devemos ainda mencionar as recompensas conferidas ao Occidente, nas exposições onde tem sido apresentado.

Além da Exposição Universal de Paris de 1878, a que já nos referimos, foi dada ao Occidente medalha de cobre na Exposição Industrial Portugueza de 1888; egual recompensa teve na Exposição Internacional de Anvers de 1894; Grande Diploma d'Honra na Exposição da Imprensa de 1898, onde era esta a maior distincção; e na Exposição Universal de Paris de 1900, medalha de cobre, o que é altamente significativo n'esse certamen onde concorreram publicações de todo o mundo.

Referencias da Imprensa ao «Occidente»

Vai entrar no 11.º anno da sua publicação o jornal illustrado lisbonense O Occidente, de que é proprietario e director o distincto gravador Caetano Alberto e director litterario o insigne escriptor Gervasio Lobato.

Publicação genuinamente portugueza, quer na parte artistica, quer na litteraria, O Occidente tem sabido manter de um modo honroso o programma que traçou desde o seu apparecimento, dando sempre pela gravura e pelo artigo uma actualidade palpitante a cada numero.

A já longa vida d'este periodico continúa, pois, a affirmar-se pelo cuidado e esmero que preside á sua direcção, inserindo nas suas paginas, quer os retratos dos homens mais importantes do paiz e do estrangeiro, quer a reproducção dos monumentos nacionaes e panoramas das cidades e povoações de Portugal e suas possessões, e do Brazil.

Uma publicação d'este genero merece bem o apoio do publico, tanto mais que o Occidente continúa, pela sua indole, a manter as tradições artisticas que foram iniciadas entre nós pelo «Panorama» e pelo «Archivo Pittoresco».

Convém ainda advertir que o preço annual da assignatura, 3$800, é de todo o ponto economico, attendendo-se á importancia d'este jornal, já pelas numerosas gravuras que insere em cada numero, já pelo interesse da sua parte litteraria, collaborada por muitos dos nossos principaes escriptores.

Commercio do Porto, n.º 325 do XXXIV anno.

Recebemos e agradecemos o n.º 323 do Occidente illustrado com gravuras, representando: a capella de Nossa Senhora da Conceição, na egreja dos Paulistas, em Lisboa; o retrato de monsenhor Pinto de Campos, fallecido no dia 5 do corrente, e seis desenhos do *sud express*.

Esta revista illustrada de Portugal e do estrangeiro, premiada na exposição universal de Paris de 1878, de que é director litterario Gervasio Lobato e proprietario director Caetano Alberto, vae entrar no seu 11.º anno de publicação. Este jornal tem-se tornado notavel pela sua regularidade inalteravel, pelo fiel cumprimento do seu programma e principalmente pela sua indole genuinamente portugueza. Os desenhos e gravuras são feitos expressamente por artistas nacionaes e a collaboração litteraria original dos principaes escriptores portuguezes. É, portanto, enorme o serviço que presta ás nossas letras e artes.

Gazeta de Portugal n.º 42 do I anno.

O Occidente. — A primeira publicação artistico-litteraria do paiz na qual collaboram os nossos principaes escriptores.

Traz em todos os numeros, tres e mais gravuras sobre assumptos nacionaes, devidas a Caetano Alberto o grande gravador lisbonense, proprietario do jornal.

Acostumados como estamos a ver as nossas illustrações — que quasi sempre teem a vida d'alguns mezes, — darem-nos só assumptos extrangeiros burilados por artistas para nós desconhecidos, faz-nos bem e toca nos a fibra patriotica vermos uma Revista exclusivamente portugueza. E o Occidente é a unica n'este caso. D'ahi a longa vida que vem trilhando, 18 annos, em que nos brinda com 18 volumes de assumptos nacionaes. Avante, e os nossos agradecimentos.

Estrella do Minho n.º 6, I anno.

Concluiu o seu decimo anno de publicação o nosso sympathico collega O Occidente, em que tem mantido escrupulosamente a indole nacional com que desde o seu começo se apresentou ao publico, publicando ácerca de todos os factos importantes do paiz, e noticias biographicas de todas as individualidades que se tornaram notaveis, artigos, gravuras e retratos que tem tornado a sua existencia muito apreciada.

Não ha facto notavel n'estes ultimos 10 annos no nosso paiz ou mesmo no estrangeiro, que se não ache consignado no Occidente, sendo por isso uma obra digna de ornar as estantes de todos os amigos e apreciadores da historia do nosso paiz.

Felicitamol o mais uma vez e desejamos-lhe longa vida, e muita saude e todas as prosperidades de que é merecedor ao seu digno proprietario e director o sr. Caetano Alberto.

Jornal das Colonias, n.º 608, XII anno.

O Occidente. — Esta revista illustrada, de que é proprietario o habil e afamado gravador, sr. Caetano Alberto, e director litterario o nosso illustre collega, sr. Gervasio Lobato, vae entrar no 11.º anno da sua publicação. Entre as folhas d'este genero, que tem saido dos prelos portuguezes, deve conceder-se ao Occidente o primeiro logar, por isso que as suas

Commemoração do XXV anno do OCCIDENTE

GUILHERME D'AZEVEDO
REDACTOR E CHRONISTA FUNDADOR

MANUEL DE MACEDO
DIRECTOR ARTISTICO FUNDADOR

CAETANO ALBERTO
FUNDADOR E DIRECTOR PROPRIETARIO

gravuras attestam um grande adiantamento na arte de gravar em Portugal; a escolha dos assumptos, o acerto e gosto da sua direcção litteraria; e a regularidade e probidade no desempenho das promessas aos assignantes a mais escrupulosa gerencia economica.

O Occidente tem tido uma existencia regular, prospera e honrosa. Registando pela escripta e pelos desenhos os principaes successos de Portugal e do estrangeiro; e dando os retratos dos homens mais eminentes nas letras, nas sciencias, nas artes e nas industrias, do mundo inteiro, vae adquirindo as proporções de uma collecção das mais ricas, completas e indispensaveis, para os estudiosos. Já se não dispensa nas bibliothecas elegantes. Lá tem o seu logar com estimação, porque o Occidente, como a empreza o tem registado nos seus programmas, nunca alterados e sempre melhorados, «é uma publicação genuinamente portugueza, tanto na parte artistica, como na parte litteraria.»

O escriptorio é no largo do Poço Novo, esquina da travessa do Convento de Jesus.

Diario de Noticias, n.º 7:886, XXXIII anno.

O Occidente. — Recebemos o n.º 768 do Occidente, inteiramente dedicado á commemoração do centenario do Descobrimento do Brazil, e surprehendente em suas gravuras e artigos, respeitantes ao extraordinario facto que se commemora. Prova-se mais uma vez quanto a Empreza do Occidente sabe cumprir um programma traçado ha 23 annos e de que nunca se tem affastado, antes melhorado e progredido sempre.

O Districto, Setubal, n.º 976, XIV anno.

Vae entrar no decimo primeiro anno de publicação o Occidente, uma verdadeira revista illustrada de Portugal e do estrangeiro, e que tem uma feição singular e eminentemente nacional, por ser toda portugueza.

Bastava esta qualidade para lhe dar a preferencia, se não fosse ainda o Occidente a melhor e mais pratica escola de gravura em madeira que hoje temos.

O Occidente, como muito bem se diz no prospecto ora publicado, mira a um fim mais elevado que o de uma simples especulação mercantil, e, como mais adiante diz: «Tem sobejamente provado com o desenvolvimento que tem dado ás artes de desenho e da gravura nacionaes, e á litteratura portugueza, publicando originaes firmados pelos mais notaveis auctores.»

A parte litteraria, de ha muito dirigida pelo distincto escriptor Gervasio Lobato, é das mais selectas que se encontram em publicações portuguezas, e a parte artistica dirigida por Caetano Alberto, que é tambem o proprietario e fundador do Occidente, ainda não foi excedida por outra publicação portugueza.

BRITO REBELLO
REDACTOR FUNDADOR

OS FUNDADORES DO *OCCIDENTE*

Jorge dos Reis Boaventura — Antonio Francisco Villaça — Domingos Cazellas Branco — Manuel Diogo Netto
Rosalino Candido Feijó — José Antonio Kjölner — José Augusto d'Oliveira

A Caetano Alberto da Silva nosso mestre e amigo offerecem os gravadores do seu atelier no seu trigessimo nono anniversario natalicio

Rosalino Candido Feijó
José Augusto d'Oliveira
Domingos Cazellas Branco
José Antonio Kjölner
Jorge dos Reis Boaventura
Manoel Diogo Netto
Antonio Francisco Villaça

Lisboa 7 de Agosto de 1882

OS ARTISTAS GRAVADORES FUNDADORES

Commemoração do XXV anno do OCCIDENTE

GERVASIO LOBATO

SEGUNDO DIRECTOR LITTERARIO E CHRONISTA

D. JOÃO DA CAMARA

ACTUAL DIRECTOR LITTERARIO E CHRONISTA

Tem sido estes predicados e o cumprimento rigoroso do seu programma traçado ha dez annos, que tem permittido ao OCCIDENTE a sua gloriosa e longa existencia.

Diario Popular, n.º 7:446, XXII anno.

Vae entrar no seu 11.º anno de existencia o OCCIDENTE, excellente revista litteraria e artistica, hoje a mais antiga, inaugurada sob a direcção do mallogrado escriptor Guilherme de Azevedo e hoje dirigida pelo nosso presado collega Gervasio Lobato.

Continúa a ser seu proprietario e director artistico, Caetano Alberto, cujos trabalhos em gravura, os leitores conhecem e apreciam ha muito.

O programma do OCCIDENTE para o seu novo anno, é o mesmo, o que quer dizer que esta revista, essencialmente nacional, como nenhuma outra o é, continuará a corresponder brilhantemente a todas as exigencias do publico. Com programma, francamente, raros são os jornaes que o cumprem, os jornaes e os partidos. Pois o OCCIDENTE é uma excepção á regra.

Leiam-o e verão.

Correio da Manhã, n.º 935, IV anno.

Concluiu o 10.º anno de publicação a excellente revista litteraria O OCCIDENTE.

Os bem firmados creditos de que gosa esta publicação pela sua leitura, sempre selecta e esmerada, e pela nitidez das gravuras que acompanham o texto, a tornam, a todos os respeitos, digna do bom acolhimento do publico.

É hoje rarissimo qualquer folha litteraria attingir a tão longos annos de existencia, mas O OCCIDENTE deve a sua larga vida aos esforços da empreza, que cuida incessantemente em tornar essa folha interessante pelos successos mais palpitantes da actualidade e pela sua cuidadosa redacção, á testa da qual se acha o conhecido escriptor Gervasio Lobato.

Novidades, n.º 1:052, IV anno.

O OCCIDENTE. — O magnifico periodico illustrado de Lisboa, o *Occidente*, de que é director litterario o sr. Gervasio Lobato, e proprietario e director o sr. Caetano Alberto, entrou no 11.º anno da sua publicação.

Este periodico é uma das publicações mais estimaveis que no seu genero se tem feito em Portugal; e toda a collecção forma um repositorio immenso do que ha de mais valioso nas artes e nas lettras.

O *Occidente* é tão conhecido de todo o publico, que se torna quasi desnecessaria a sua recommendação.

O Conimbricense, n.º 1:211, XLI anno.

«Cogliamo l'occasione del principio del 23 anno da che esiste O *Occidente* per esprimere vive congratulazioni e fraterni augurii alla valoroza Rivista che da un quarto di secolo, col disegno e cogli scritti, nota e riferisce i principali avvenimenti della storia contemporanea. Auguriamo a quei nobili pubblicisti di Lisbona una carriera assai più lunga e non meno gloriosa di quella già percorsa.»

Rivista Politica e Letteraria — Fascicolo II, X vol. 1900, Roma.

ESTEVES PEREIRA

SECRETARIO DA REDACÇÃO

O OCCIDENTE. — Terminou o 10.º anno da sua publicação esta excellente revista illustrada, a primeira do nosso paiz, á qual não tem nunca faltado o favor do publico. O 1.º numero de 1888, traz o retrato de Leão XIII, ao qual o eminente escriptor Pinheiro Chagas vae consagrar uma serie d'artigos brilhantissimos, como tudo o que sae da penna do distincto litterato. As gravuras de Alberto é um dos grandes attractivos do jornal: nitidas, fieis, revelam o talento poderoso do nosso primeiro artista gravador. O ultimo numero do mez que findou, traz entre outras coisas interessantes, um largo panorama da ilha da Madeira.

O *Occidente* acaba de publicar o seu *Almanach Illustrado* para este anno, um livro de 80 paginas, cheio de espirito, de escriptos finamente burilados, de retratos das principaes notabilidades em todos os ramos, etc., etc.

Parabens á empreza, que levanta d'este modo a arte nacional, tão mal cuidada e mal comprehendida pela maior parte.

A Folha do Commercio, n.º 171, IV anno.

FRANCISCO ANTONIO DAS MERCÊS

PRIMEIRO ADMINISTRADOR

RODRIGO ALBERTO DA SILVA

ACTUAL ADMINISTRADOR

Commemoração do XXV anno do OCCIDENTE

Bulhão Pato

Conde de Valenças

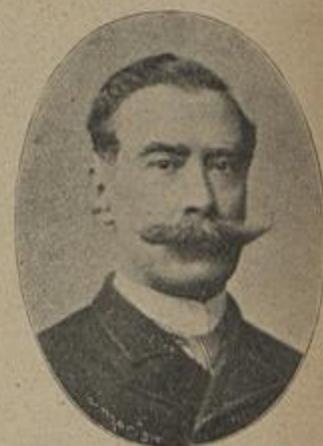
Ramalho Ortigão

Ramos Coelho

Francisco d'Almeida

Gabriel Pereira

D. Maria Amalia Vaz de Carvalho

Dr. Xavier da Cunha

Visconde de Castilho

Dr. Teixeira d'Aragão

D. Luiz de Castro

D. Maria Ribeiro Arthur

Damasceno Nunes

Prospero Peragallo

Ferreira da Silva

Padre Antonio d'Almeida

Dr. Theophilo Braga

Zacharias d'Aça

Dr. Alberto Telles

COLLABORADORES LITTERARIOS

Commemoração do XXV anno do OCCIDENTE

Guerra Junqueiro

Eduardo Schwalbach

Brito Aranha

Conselheiro Augusto Castilho

Corrêa Barata

Dr. Alfredo de Sousa

Fialho d'Almeida

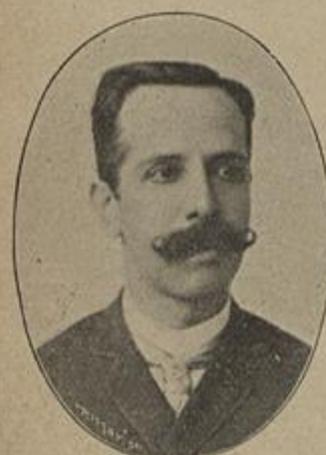
Abel Botelho

Visconde de Sanches de Frias

Antonio Machado

Monteiro Ramalho

D. José Pessanha

Luiz Galhardo

Eduardo Duarte

Mendonça e Costa

Conselheiro Dr. Guilherme J. Ennes

Julio Rocha

Gomes Leal

COLLABORADORES LITTERARIOS

Commemoração do XXV anno do OCCIDENTE

Conselheiro F. da Fonseca Benevides

Alberto Braga

Dr. Teixeira de Queiroz

Jayme Batalha Reis

A. X. da Silva Pereira

Conselheiro Augusto Fuschini

Dr. Magalhães Lima

Sesinando Ribeiro Arthur

Duarte d'Oliveira

D. Francisco de Noronha

Dr. Adolpho Ernesto Motta

Zephyrino Brandão

Victor Ribeiro

Dr. Cunha Belem

Dr. Rodrigo Velloso

Augusto de Mello

Dr. Christovão Pinto

COLLABORADORES LITTERARIOS

Commemoração do XXV anno do OCCIDENTE

Columbano Bordallo Pinheiro

Raphael Bordallo Pinheiro

Antonio Ramalho

Isaias Newton

Conceição Silva

Ernesto Condeixa

Luciano Freire

João Dantas

Simões d'Almeida

Alfredo Keil

Alberto Nunes

Pires Marinho

João Vaz

José Malhôa

J. R. Christino da Silva

COLLABORADORES ARTISTICOS

Commemoração do XXV anno do OCCIDENTE

GABINETE DO DIRECTOR-PROPRIETARIO

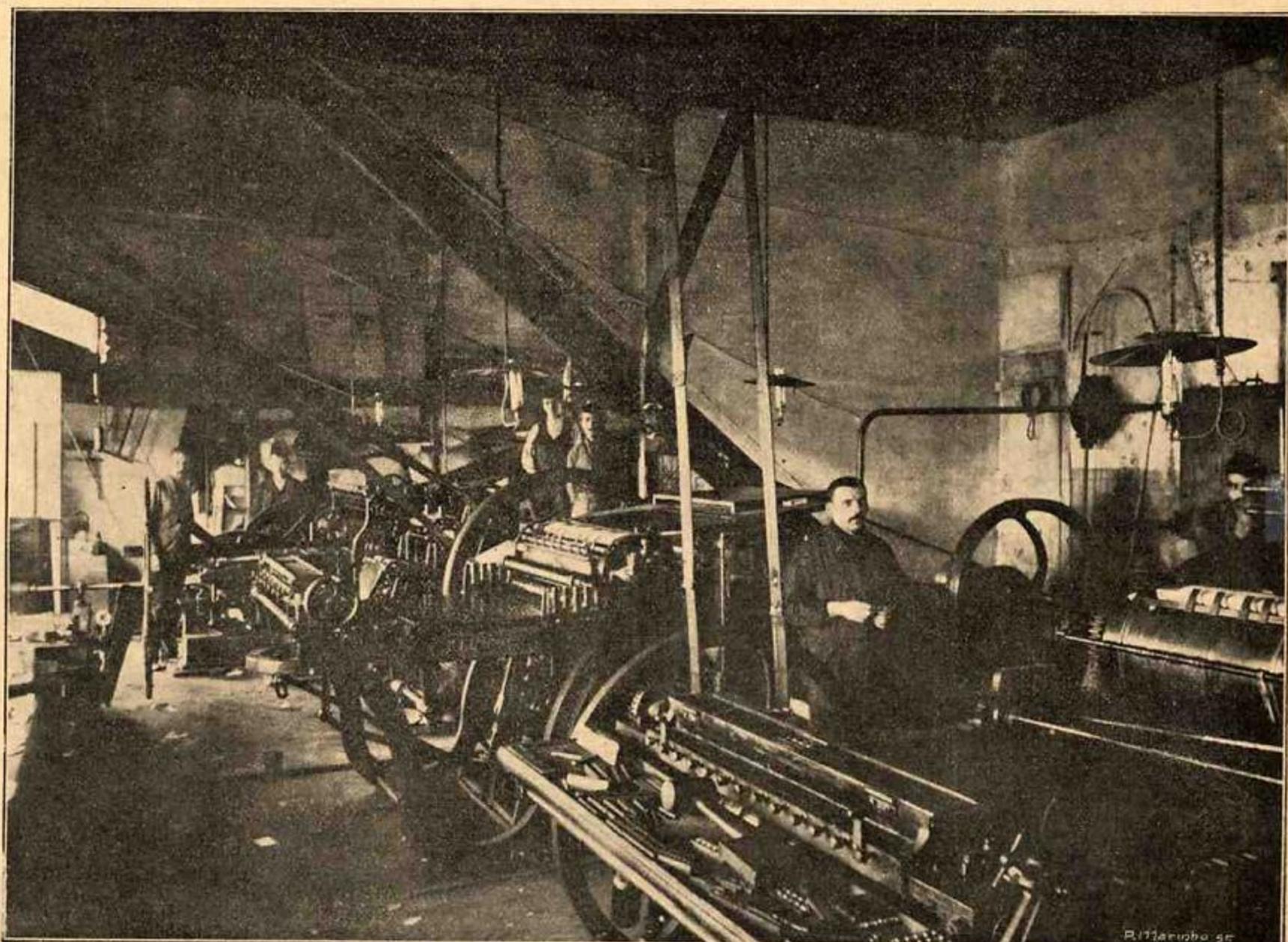
SALA DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Commemoração do XXV anno do OCCIDENTE

RICARDO DE SOUZA
DIRECTOR E PROPRIETARIO
DA TYPOGRAPHIA

LUIZ AUGUSTO NEVES
CHEFE DA IMPRESSÃO

Commemoração do XXV anno do OCCIDENTE

PESSOAL TYPOGRAPHICO E LITHOGRAPHICO

AS OFFICINAS DE IMPRESSÃO

O Occidente. — Recebemos o n.º 723 do *Occidente*.

Este numero é um verdadeiro primor artistico em suas gravuras, artigos, poesias e execução typographica.

É a revista illustrada portugueza por excellencia, como bem o prova este numero dedicado á memoria de Garrett, cujo centenario do nascimento passou no dia 14 de fevereiro.

O Meridional, n.º 399, VIII anno.

O Occidente. — Com o seu numero do Natal — e explendido que elle é — concluiu o 24.º anno de publicação esta primorosa illustração portugueza.

É quasi que phenomenal no nosso paiz tão prolongada existencia em publicações d'esta natureza, e tanto á altura de merecimentos artisticos e do movimento litterario. Significa isto que no empenho aturado de corresponder ao seu elevado programma pôz a empreza todos os seus meios de recommendação, a que o paiz tem correspondido assegurando-lhe robusta vitalidade. Felicitamos a popularissima illustração portugueza.

A Persuasão, n.º 1:933, XXXVIII anno.

O programma do *Occidente* traçado ha dez annos, foi acceite com applauso geral, e apesar de muitos duvidarem da sua execução, por ser extremamente difficil com os recursos do paiz, esse programma tem sido cumprido até hoje com a mais escrupulosa exactidão, e até excedido a expectativa do publico, sempre justamente desconfiado de promessas ambiciosas.

O *Occidente* é uma publicação illustrada genuinamente portugueza, tanto na parte artistica como na parte litteraria.

Tem-o sobejamente provado nos dez annos decorridos, com o desenvolvimento que tem dado ás artes do desenho e da gravura nacionaes, e á litteratura portugueza, publicando originaes firmados pelos mais notaveis auctores, taes como C. Castello Branco, Latino Coelho, Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, L. A. Palmeirim, Julio Cesar Machado, Oliveira Martins, D. Antonio da Costa, Visconde de Benalcanfôr, Vilhena Barbosa, etc., etc.

O *Occidente* é, n'uma palavra, a manifestação de uma força productiva do paiz, justificando por ella a sua propria existencia.

A Terceira, n.º 1:499, XXX anno.

O *Occidente*, excellente jornal illustrado que se publica em Lisboa, vae entrar no decimo primeiro anno da sua publicação. Felicitamos por isso a empreza que tão habil e distinctamente tem dirigido esta a muitos respeitos notavel e importantissima publicação.

Correspondencia de Coimbra, n.º 1, XVII anno.

O Occidente. — Entrou no seu 11.º anno de publicidade este excellente periodico, incontestavelmente a publicação portugueza mais genuina, mais illustrada e de maior merecimento.

Esta revista tem sempre primado por apresentar gravuras de edificios portuguezes, sendo todas as illustrações que insere feitas expressamente para tal fim.

Como se vê nenhuma publicação em Portugal, conta este bello attractivo.

E' seu director e proprietario o sr. Caetano Alberto, artista de reputado merito e que tem vinculado o seu nome a trabalhos dignos da mais elevada consideração.

O *Occidente*, foi premiado na Exposição Universal de Paris em 1878, o que é mais uma irrefutavel prova a depôr sobre o seu alto valor.

No fim do anno possue o assignante um bello volume, de 288 paginas in-folio, com cerca de 200 gravuras puramente originaes, o que é na verdade, primoroso.

O que acabamos de escrever não é mais do que uma despretenciosa noticia, e isto porque publicações como estas, tão queridas do publico illustrado, unicamente se lembram, o que gostosamente fazemos.

Açoriano Oriental, n.º 2:752, XXXV anno.

O Occidente. — Publicou-se o n.º 805 do 24.º anno d'esta revista illustrada, a mais interessante que se publica entre nós. O seu alto merecimento prova-o a sua longa vida de 24 annos, sem que nunca desmerecesse do favor publico e cujo interesse augmenta de anno para anno. Por ali teem passado os nossos mais brilhantes escriptores e contém recordações dos nossos melhores artistas. N'elle se encontram commemorados os factos mais notaveis da nossa vida social durante o seculo 19.

Basta isto para avaliar o merecimento d'esta revista, cujos 24 volumes formam hoje uma obra de muito apreço.

A Defeza, n.º 436, IX anno.

Occidente — Com o n.º 828 completou a magnifica revista illustrada — *Occidente* = o seu 24.º anno de publicação. Facto digno de registar-se n'este nosso meio litterario, uma publicação do genero do *Occidente* manter-se durante o longo periodo de quasi um quarto de seculo, sempre primorosa e distincta e não sossobrar como tem succedido a todas as revistas é verdadeiro milagre. E' que o favor publico nunca a desacompanhou e a Empresa para corresponder a esse favor procura introduzir constantes melhoramentos na sua bella revista, tornando-a em tudo á altura da sua patriotica missão e uma das boas publicações do nosso paiz, boa e de valor.

O numero que temos presente, o 828, todo consagrado ao natal, impresso a côres e illustrado de formosas gravuras é a prova mais patente de quanto a digna Empresa se esforça por agradar aos seus assignantes e tornar dia a dia mais brilhante a sua revista.

Cumprimentando a Empresa do *Occidente* ao iniciar o seu 25.º anno, agradecemos mais uma vez a permuta da sua revista e appetecemos lhe am anno prospero.

Semana Thyrcense, n.º 3, IV anno.

OS ANTIGOS ASSIGNANTES

D'«O OCCIDENTE»

Ao iniciarmos o vigesimo quinto anno de publicação d'**O Occidente** occorreu-nos organisar uma relação das pessoas que, tendo assignado a nossa revista logo ao primeiro numero, ainda hoje conservam essa assignatura.

Inserindo no presente volume os seus nomes, queremos significar-lhes o nosso profundo reconhecimento pelo valiosissimo auxilio recebido.

Num paiz como Portugal, onde infelizmente é assaz reduzido o numero dos que lêem, são quasi benemeritos os assignantes das publicações periodicas que não as desamparam decorrido apenas algum tempo.

Embora minguada, a lista dos nossos antigos assignantes é ainda hoje desvanecedora pelos nomes de que se compõe.

Mas o jubilo que sentimos seria bem maior se nella tivessemos a alegria de poder ainda inscrever tantos outros que já não existem, e a cuja memoria rendemos egualmente intima gratidão.

Comparando o primeiro registo de assignatura com o actual, foi como apurámos a relação dos nossos primitivos assignantes que ininterruptamente a teem conservado.

Evitando injustas interpretações, devemos declarar que foi em razão da fidelidade d'esse confronto, que não indicamos os nomes de muitas outras pessoas que tambem possuem completa a collecção d'**O Occidente**, já por a terem adquirido directamente n'esta administração, já por haverem continuado antigas assignaturas d'outros assignantes.

Ex.mos Srs.:

Manuel das Dôres Nunes, n.º 1. — Joaquim Pedro da Costa, n.º 6. — D. Anna Rita Ferreira Santos, n.º 13. — José Rodrigues d'Azevedo, n.º 21. — Club Artistico, n.º 25. — Alfredo May, n.º 37. — José Vaz Monteiro, n.º 38. — Polycarpo José Lopes dos Anjos, n.º 43. — Augusto Vargas, n.º 55 — Dr. Adolpho Ernesto Motta, n.º 58. — Francisco da Silva Barros, n.º 61. — D. Luiz da Camara Leme, n.º 64. — Annibal Fernandes Thomaz, n.º 69. — Dr. João Maria Corrêa Ayres de Campos, n.º 71. — Gremio Olhanense, n.º 74 — S. M. A Rainha D. Maria Pia, n.º 76. — José Francisco de Castro, n.º 78. — Antonio José Fernandes Jasmim, n.º 83. — José Frederico Cyriaco dos Santos Taveira, n.º 84. — D. Maria Isabel Charters d'Azevedo n.º 85. — Eduardo Gomes Callado, n.º 92. — João Rosa, n.º 97. — José Theophilo de Miranda Leone, n.º 98. — D. Maria Adelaide Peixoto da Fonseca Rosado, n.º 101. — Joaquim Moreira Marques, n.º 103. — D. Georgina de Pinho, n.º 108 — Mason & Barry-limited, n.º 109. — José Antonio Barbosa, n.º 111. — Dr. Mattos Chaves, n.º 112. — Visconde de Sanches de Baêna, n.º 114. — Julio Pereira Vieira, n.º 116. — Carlos Anjos, n.º 118. — Conde das Devezas, n.º 120. — Barão de Espozende, n.º 139. — Dr. Antonio Emilio de Sousa Freire Pimentel, n.º 143. — Carlos Augusto Palmeirim, n.º 145. — João Augusto Vieira, n.º 146. — Francisco Liberato Telles de Castro da Silva, n.º 149. — Rodrigo Lopes d'Oliveira, n.º 163. — Henrique Schindler, n.º 169. — Victor Verol, n.º 175. — Camara Municipal de Lisboa, n.º 195. — Rodrigo Francisco dos Santos, n.º 196 — Duarte B. Pacheco Pereira, n.º 205. — Ernesto Augusto Ferreira, n.º 214. — Francisco Pedro Soares e Silva, n.º 218. — Club do Hospital das Caldas, n.º 221. — Dr. Rebello da Silva, n.º 224. — A. Germano Fonseca Santos, n.º 226. — Antonio Theophilo Rato, n.º 227. — Henrique da Gama Barros, n.º 235. — Alfredo de Sousa, n.º 237. — João Ferreira d'Abreu, n.º 242. — João Bernardo d'Almeida, n.º 253. — Antonio Silvino Pires, n.º 256. — José Bento Araujo d'Assis, n.º 260. — Santos & Rodrigues, n.º 263. — Alfredo Dias, n.º 265. — Administração da Imprensa Nacional, n.º 267. — Camillo Augusto da Silva e Andrade, n.º 269. — Francisco Teixeira Bastos, n.º 273. — Antonio Joaquim Ferreira da Silva, n.º 289. — Antonio d'Azevedo Maia, n.º 297. — Joaquim Maria da Silva Freire, n.º 299. — Ildefonso José Cotrim de Carvalho, n.º 301. — Condessa d'Edla, n.º 302. — Joaquim Patricio Ferreira, n.º 303. — Luiz Maria da Costa, n.º 312. — D. Maria Luiza Valente d'Almeida, n.º 315. — Camara do Commercio e Industria de Lisboa, (antiga Associação Commercial), n.º 316. — Guilherme Augusto Ferreira, n.º 317. — A. R. Thomaz, n.º 341. — Gabinete Portuguez de Leitura da Bahia, n.º 343. — Armenio de Macedo, n.º 345. — Antonio Zacharias Marceanno Alcantara, n.º 350. — Dr. Antonio José Gomes Lima, n.º 360. — Antonio Rodrigues Lavaredas, n.º 369. — Eduardo Ernesto Castelbranco, n.º 374. — Cons.º Rodrigo da Conceição Oliveira de Sousa, n.º 382. — D. Maria Isabel Moraes Tavares, n.º 384. — Conde de Sabugosa, n.º 392. — João Rodrigues Noronha Junior, n.º 403. — José Ramos Coelho, n.º 409. — José Ferreira Beiral, n.º 411. — Mathias Raymundo Rodrigues, n.º 412. — Club Amôr da Patria, n.º 415. — Gremio Litterario, n.º 416. — José Antonio de Pinho, n.º 426. — Augusto Rodrigues d'Araujo Porto, n.º 430. — João Pedro Gonçalves Costa, n.º 431. — Dr. Guilherme T. F. Pacheco n.º 437 — Duque de Palmella, n.º 448. — Dr. Caetano Beirão, n.º 450. — João Martins Formosinho, n.º 454. — José Augusto de Castro Fialho, n.º 458. — José do Amaral Ferreira, n.º 463. — José Antonio Vieira Alves, n.º 466. — D. Anna Arruda da Silveira, n.º 468. — Dr. Agostinho Barbosa Sottomayor, n.º 473. — José Maria Ressurreição, n.º 484. — Frederico C. da Cruz, n.º 489. — Dr. Alvaro Araujo Azevedo Feio, n.º 490. — Dr. Francisco Rodrigues dos Santos Nazareth, n.º 492. — Cons.º Antonio Pessoa d'Amorim Navarro, n.º 495. — Dr. Justino Xavier da Silva Freire, n.º 496. — Jorge F. Cosmelly, n.º 507. — José Rodrigues, n.º 515. — J. N. Vieira da Silva, n.º 528. — Antonio Joaquim de Mattos, n.º 533. — Miguel José Gomes, n.º 548. — João da Silva Coelho, 559. — D. Eugenia Rocha dos Santos Fera, n.º 567. — Bibliotecha Municipal de Lamego, n.º 579. — Antonio Latino de Faria, n.º 588. — Antonio Pereira de Castro, n.º 599. — José da Motta Marques, n.º 614. — Fructuoso da Silva Netto, n.º 639. — Antonio Fausto da Silva, n.º 650. — Antonio Toscano Soares Barbosa, n.º 673. — Conde de Valenças, n.º 685. — José Ferreira do Valle, n.º 698. — Manuel Pinto de Souza, n.º 723. — A. G. Lima Camacho, n.º 728. — Damião Francisco Alves de Moura, n.º 733. — The Athenaeum-Manchester, n.º 752. — Bibliotheca Nacional de Nova Gôa, n.º 765. — Adriano Dias, n.º 788.

Convem observar que além dos assignantes da primitiva que figuram n'esta relação outros haverá que assignaram e se conservam por intermedio de nossos correspondentes e livrarias, mas de que ignoramos seus nomes.

ELEIÇÕES

Hoje em dia, n'este paiz do occidente europeu, a significação do voto eleitoral não corresponde a um direito legitimamente outhorgado a cada cidadão, não traduz um sentimento de respeito ao merito provado nem se compadece com o ideal de Justiça na balança dos actos civicos que recommendam os nomes dos homens mais dignos á escolha e preferencia de seus concidadãos.

Não é nada d'isto o voto em Portugal presentemente: quando não é mera complacencia de amizade, exprime pathologicamente um estado de corrupção desoladora e infamante.

A politica portugueza está reduzida a um scenario de farças indecorosas e a algumas duzias de aventureiros que lançam mão de toda a especie de expedientes para escalar o poder.

Chegar a sentar-se na cadeira de ministro, não sendo obstaculo meio algum; tal é a suprema aspiração de tantos novos que confessam sem pêjo que o melhor processo de ganhar eleições é o recurso á fraude!

Por isso perdemos o valor moral n'uma progressão crescente, o pudor fenece na vasa das paixões em lucta desleal e a sociedade periclita no pendor de abysmo que pode tornar-se irremediavel se os credores externos assim quizerem.

Estiveram no poder estes ultimos annos progressistas e regeneradores, conservando-se ainda os segundos, e sob o consulado respectivo de uns e de outros tiveram logar eleições geraes de deputados.

Houve e tem havido mutuas recriminações e

protestos reciprocos, bem como concessões de momento e combinações de opportunidade; não houve nem tem havido segurança de principios de parte a parte, ensinamento e educação de eleitores consoante o espirito liberal da lei fundamental do Estado, direitos reconhecidos abertamente e criterio justo de equidade na resolução definitiva de negocios.

Importa abrir n'este ponto um ligeiro parenthesis para registo de uma declaração sincera: o governo progressista não ousou consummar nem mesmo tentar por ensaio tantas reformas dispendiosas e até desprestigiosas como as levadas a cabo em curto espaço de tempo por seu successor na dirigencia publica.

Feita semelhante declaração tanto menos suspeita quanto é certo eu não pertencer aos partidos de rotação politica actual e nem ainda acharme filiado em qualquer outro, passo adiante.

Ao começar a escrever este despretencioso estudo tinha em mente traçar aqui um quadro typico de eleições portuguezas; mas a breve trecho desisti do intento pela evidencia de sua inutilidade em relação a leitores tão edificados como eu a tal respeito.

Vegetamos em plena decadencia, na qual nem as simples apparencias são guardadas para honra nacional ao menos.

Os chamados eleitos do povo, por antonomasia, quasi desconhecem, senão desconhecem de todo os seus eleitores que ameaças condemnaveis, promessas fementidas e abusos de auctoridade arrastaram á urna. Os homens de caracter austero, tão alheios ao vicio quanto inimigos da crapula retrahem-se cada vez mais no isolamento de seus lares, convencidos intimamente de que seriam esmagados pela horda sem escrupulo dos gananciosos inconfessaveis caso apenas simulassem resistir ao meio pervertido em que o bezerro de oiro é o idolo adorado e a philo sophia materialista em seus requintes de monturo é carta de alforria suspira'da e codigo soberano de immunidades.

E' triste e miserando que assim seja, mas, com effeito, de que valeria a taes homens um sacrificio enorme e de que serviria á patria o generoso concurso d'elles nas condições presentes?

«O dever! Bella e sonora expressão poetica!» escrevem e proclamam ás multidões antigos academicos laureados, aspirantes a ministros que á maneira de Abel d'Andrade no *Estudo Critico do Socialismo* dynamisam expressões d'aquella natureza em tom didactico de definição categorica. Sim, o dever é agora termo exotico, titulo sem cotação nas Secretarias de Estado, verdadeiro momo carnavalesco nas assembléas eleitoraes!

E sem embargo elaboram-se relatorios e pautam-se decretos para assignatura real, os quaes se não fossem de occasião e se tivessem por destino valorisar a letra effectivamente na vida publica haviam de contribuir com efficacia para levantamento do nivel civico e moral do paiz.

O fecho do relatorio que precede o decreto de 28 de março de 1895, *regulando a eleição e organisação da camara dos deputados da nação portugueza*, é concebido nos seguintes termos peremptorios: «Julgâmos, senhor, que todas estas disposições são uteis e opportunas, bem como confiâmos que da sua fiel e leal execução resultará restaurar-se, com o prestigio e a auctoridade de que carece, o regimen parlamentar entre nós, assegurando assim, como é mister, o regular funccionamento das instituições representativas.»

Ha alguem em Portugal que ignore o que se passou depois de promulgado o decreto a que acabo de alludir? tiveram ou não tiveram uma representação phantasmagórica aquellas linhas transcriptas?!

Comedia deprimente, humorismo inqualificavel, sátira d'um sarcásmo: eis o que os factos demonstram em sua fria realidade!

Eu não ignoro que os actores não são responsaveis pelos defeitos dos theatros e que o veu do futuro não permitte adivinhar, mas não posso confundir homens de governo com homens de bastidores, questões sérias de gravidade instante e de incidencia immediata no feitio moral dos individuos e dos povos com certas manifestações artisticas que teem tambem lado pratico apreciavel mas em seu cabimento proprio e hora accommodada.

El-Rei, dignando-se querer com proposito invencivel poderá fazer garantir á patria a estabilidade de suas instituições e a cada cidadão a liberdade de voto.

«Mas os ideaes, de longe, afiguram-se bellos sempre, disse Emilio Castelar em artigo publicado na *Nouvelle Revue Internationale*, de 28 de fevereiro de 1897, emquanto que, na realidade, são mesclados de impurezas e de desgraças sem numero.»

Erguendo meus olhares para o throno da realeza não obedeço a uma orientação enfermiça de idiopathia nem me enlevo n'um ideal chimerico: reconheço por força das circumstancias occorrentes, pela interpretação logica e serena de todos os phenomenos de equação politica, pela analyse elementar de quanto observo que ha uma unica força capaz de obstar á derrocada final da nação portugueza, mais que alavanca de equilibrio, mais que esforço potencial de expansibilidade physica; é a chave da abobada, é o chefe do Estado.

Está em sua mão despedir os ministros e em sua consciencia avaliar-lhes pelo justo merecimento o criterio singular e o programma especifico.

«A liberdade, a ordem, a protecção legal, como affirmou De Sismondi nos *Estudos sobre as constituiçoes dos povos livres*, contribuem para augmentar as riquezas de todos» e essa liberdade, essa ordem, essa protecção legal, essas eleições não venaes demandam a attitude energica e constitucional do monarcha.

«A philosophia, disse o fallecido Jules Simon, antigo ministro de instrucção publica em França, alimenta-se de generalidades. Ella é a sciencia do genero humano, consoante a definição d'Aristoteles» e este assêrto do distincto estadista em seu livro *Deus, patria, liberdade*, conviria que El-Rei de Portugal nunca perdesse de vista.

O mal não é de rigor inherente ás coisas, reside nos homens, deriva da vontade em condições normaes; e para oppôr-se a suas consequencias funestas não ha motivo de eminencia de posição, nem consideração pessoal de qualquer casta que absolva seja quem fôr, hesitante no exercicio nobre de seu mandato.

Janeiro, 1 de 1902.

D. Francisco de Noronha.

UM BOM RAPAZ

POR

Biornstierne Biornson

— Marit... Marit... dizia Eyvind, porque foge de mim?

— Veja se me apanha.

Apanhou-a n'um instante. Passou-lhe o braço pela cintura.

— Agora, Marit, agarrei-a para sempre!

— Para sempre! repetiu ella.

Eyvind quiz dar-lhe um beijo, mas Marit escondeu a cara com o braço e, outra vez, escapando-se, poz-se novamente a correr. Entretanto ao cabo d'uns passos, parou.

— Quando nos tornamos a ver?

— Ámanhã... ámanhã...

— Pois sim, ámanhã. Boa noite, Eyvind.

De vez então se affastou e elle seguia-a com o olhar. Quando a viu desapparecer, atirou com o chapeu ao ar.

— Começo a ser feliz, dizia, e palpita me que é para sempre!

X

AMEAÇAS

Uma tarde d'esse mesmo verão, a mãe de Eyvind com uma criada andava apanhando o feno que Thore e o filho levavam e arrumavam no palheiro. Um rapazito de pé descalço, desbarretado, appareceu correndo atravez da matta e entregou ao Eyvind um bilhete. Era um bilhete lacrado e atado com uma fita azul. Desatou a fita e abriu a carta.

«Vai a atravessar o pantano, não pode andar depressa, mas sempre ha de chegar a Pladsen. Fuja para a matta e esconda-se.

«Sabe quem sou.»

— Esconder-me!... nunca! disse Eyvind.

Avistou ao longe o velho que descançava um momento, tornava a andar e logo fazia outra paragem. Tambem o Thore e a mulher já tinham dado por elle. O Thore poz-se a rir; mas a mãe mudou de côr. O pae e o filho continuaram recolhendo o feno.

O velho approximava-se como grossa nuvem tempestuosa, soprada de oeste. Era muito alto, muitor obusto, e apoiava-se pesadamente ao bordão. Quando chegou perto da casa dos lavradores de Pladsen, tirou o chapeu e limpou a testa com o lenço. Era careca como um frade velho.

O rosto era largo e cheio de rugas; os olhos brilhantes pescavam sem cessar; tinha sobrancelhas espessas e os dentes todos. Quando falava, a voz era dura e desafinada, o que quer que fosse de bulha d'uma roda de ferro que esmaga pedras pelo caminho. Sempre fôra assomado, mas, fazendo se velho, tornára-se rabugento e desconfiado.

O Thore e o filho, fizeram varias caminhadas até ao palheiro, ida e volta, antes que o velho Ole os pudesse apanhar. Logo ambos adivinharam que elle não vinha ali por bem. Puzeram-se serios e contrafeitos, mas Ole custava-lhe muito a andar. Não havia meio de chegar e o caso tornava-se de riso. Eyvind disse ao pae:

— Aquelle homem vem decerto muito carregado.

Ole devia de estar apenas a umas cinco ou seis varas de distancia.

— Toma cuidado, disse o pae, que elle póde ouvir-te.

Mas já Thore estava a morrer de riso.

— Hum!... hum!... fez o Ole.

— Limpa a garganta para melhor nos falar, continuou o Eyvind.

— Hum!.. hum!...

Eyvind deixou-se cahir de joelhos sobre a meda e escondeu a cara no feno. O Thore fez o mesmo.

— Voltemos ao palheiro.

E lá foram ambos, cada qual com seu braçado de feno, para mostrarem despreoccupação. Eyvind por um triz não cahiu umas poucas de vezes, tanto lhe custava não dar largas ao riso. Thore era geralmente muito serio, mas se começava a rir, era primeiro um cacarejar abafado, depois uma serie de soluços e de gritos, que se mudava em rugidos selvagens terminados por suffocações convulsas. Foi o que lhe aconteceu no palheiro. Era de deitar os telhados abaixo. Eyvind imitava-o com toda a satisfação.

— Isto afinal é indecente, disse o pae que foi naturalmente o primeiro a tomar juizo.

O velho Ole devia de ter chegado ao casal.

— Eu não vou, disse o Thore; não tenho que falar com elle.

— Meu Deus! eu cá tambem não vou.

— Hum!... hum!... hum! fez o velho ao longe.

— Queres ou não sahir d'aqui? disse o pae.

— Saia o pae primeiro.

Tomaram uma grande resolução e sahiram juntos de braço dado. Ole estava de pé no limiar da casa e de cara virada para a porta da cosinha. Estava entretido a puxar as melenas espessas e rijas que lhe cahiam sobre a nuca. Pareciam pêllos d'uma escova.

— Pois velhos tão feios ainda passeiam?

D'esta vez o Ole ouviu-o, olhou para elle muito seriamente, e tornon a pôr o chapeu antes de responder.

— Tanto direito teem os velhos como os novos a gosar de luz do sol.

Thore ainda quiz desfazer a inconsideração do filho.

— Está cançado? perguntou ao velho. Quer descançar em nossa casa?

— Não, respondeu. O que eu quero dizer-lhes é um instante.

Puxou a aba do chapeu para os olhos; apertava o cacete na mão direita.

— É este o seu filho? perguntou com voz cava.

— Creio que sim.

— E chama-se Eyvind, não é?

— É esse o seu nome.

— Estudou n'uma das Escolas de Agricultura do sul?

— É a pura verdade.

— Sabe que a minha neta Marit perdeu o juizo?

— Pois tenho pena, respondeu o Thore.

— Não quer casar-se.

— O que! Deveras não quer?

— Disse que não a todos os filhos de rendeiros que appareceram lá em casa. Ora dizem-me que o motivo de todas essas tolices, é esse que ahi está, nas suas costas. O seu filho Eyvind foi quem lhe deu volta ao miolo; ora eu não gosto que deitem mão aos meus cavallos quando os deixo na serra, nem ás minhas filhas quando as levo ao baile. Não! não! e não!

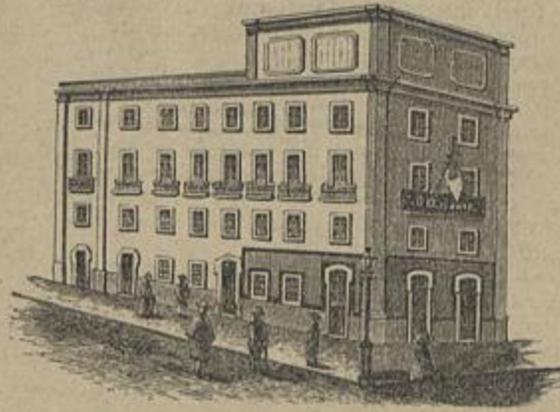
— Tem razão, isso está certo, respondeu sem se atarantar o trabalhador de Pladsen.

— Bem sabe que gosto de ordem em todas as minhas coisas: Onde está o cepo deve estar o machado e o machado não esteja onde deve estar a faca. Quando eu declaro á Marit: ha de escolher este e não aquelle, quem lhe deve convir é este e não o outro. Ora a coisa não vai assim. Puzemo-nos de mal e quem teve a culpa foi esse rapaz. E' mal feito. Vim dizer-lh'o e ainda bem que seu pae me ouve: faça o que fizer para obter a Marit, de nada lhe servirá.

— Bem, disse o Thore.

Continúa.

Commemoração do XXV anno do OCCIDENTE

Exposição Internacional de Anvers de 1894

Vista exterior da casa da Empreza do *Occidente* no Largo do Poço Novo

Exposição Internacional de Anvers de 1894

Exposição Industrial Portugueza de 1888

Exposição Universal de Paris de 1900

Exposição Universal de Paris de 1900

MEDALHAS CONFERIDAS AO «*OCCIDENTE*»

Estes dois numeros formam um exemplar que custa avulso 240 réis